

INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (96)

Milho: adeus safra velha e feliz safra nova

Rubens Augusto de Miranda

Pesquisador da área de Economia Agrícola da Embrapa Milho e Sorgo

A cultura do milho no Brasil passou por retrações no decorrer de 2018. Em relação à produção, na safra 2017/18, ocorreu uma diminuição considerável comparada com a anterior. O decréscimo de 17 milhões na produção de milho (queda de 97,8 para 80,8 milhões de toneladas), somado às ótimas perspectivas referentes às exportações, ameaçava enxugar nossos estoques, resultando na pressão de aumento das cotações. Tal cenário se confirmou no decorrer do primeiro semestre, levando os preços médios nacionais do cereal a aumentarem sucessivamente de janeiro a junho.

No segundo semestre, o conflito comercial entre a China e os Estados Unidos engendrou algumas mudanças no cenário de comércio exterior. Ao sobretaxar a soja norte-americana, os importadores chineses da oleaginosa se voltaram para o Brasil.

Analisando os dados do comércio exterior, pode-se observar que de julho a outubro o aumento das exportações de soja foi equivalente à redução das exportações de milho. Assim, os embarques da soja não desaceleraram como tradicionalmente ocorre ano após ano, para dar espaço às exportações do milho de segunda safra.

Comparado as exportações de milho entre janeiro e novembro de 2017 e 2018, ocorreu uma diminuição dos embarques de 25,25 milhões para 19,73 milhões de toneladas este ano. O resultado só não foi pior em razão de o nosso principal parceiro comercial, o Irã, ter aumentado as aquisições de 4,24 milhões para 5,82 milhões de toneladas.

Entretanto, a queda se deveu ao fato de outros importantes importadores do milho brasileiro diminuíram as compras em quantidades relevantes. Coreia do Sul e Taiwan diminuíram as aquisições em mais de 1 milhão toneladas cada. O Egito comprou 800 mil toneladas a menos, mas o caso mais emblemático foi o Japão.

Os japoneses tradicionalmente são os maiores compradores de milho no comércio internacional, em quantidade estável de 15 milhões de toneladas por ano. Antes da quebra da safra

de milho dos Estados Unidos, em 2012/13, esse mercado era quase exclusivo dos norte-americanos. Contudo, a partir da referida safra, o Japão, sabiamente, passou a comprar milho de outros países, tal como o Brasil, para diminuir o risco de ter apenas um fornecedor. De lá para cá, o Japão passou a ser o segundo maior comprador de milho do Brasil, mas parece ter ocorrido um retrocesso em 2018. Nos primeiros 11 meses de 2017, o Japão importou 2,7 milhões de toneladas de milho brasileiro e no mesmo período em 2018 foram menos de 50 mil toneladas.

A reversão da demanda externa no segundo semestre interrompeu a ascensão das cotações domésticas do cereal, que passou a oscilar inicialmente e a cair sistematicamente a partir de setembro. Se essa tendência permanecerá, ou não, em 2019, dependerá das condições de oferta e demanda estabelecidas para o ano que vem.

Em relação à safra 2018/19, o último levantamento da Conab aponta um aumento 0,8% da área plantada com milho verão. Contudo, o planejamento e aquisições de insumos para a nova safra ocorreram em momento de câmbio depreciado, pressionando os custos, que somado à queda nas cotações pode impactar negativamente os investimentos na lavoura.

A princípio, os dados indicam que a despeito do cenário favorável à soja, a cultura não tomou mais espaço do milho no verão, excetuando-se situações pontuais, como vem ocorrendo sucessivamente ano após ano. Por outro lado, a conjuntura da soja pode ter estimulado o plantio de sementes de soja de ciclos normais, ao invés de precoces e superprecoces para acomodar o milho em sucessão, com vistas a aumentar a produtividade e aproveitar o momento. Infelizmente, não há dados para confirmar essa possibilidade, mas uma eventual diminuição da área do milho de segunda safra em 2019 poderia ser um indicativo disso.

Nos próximos meses, é preciso estar atento ao transcorrer da guerra comercial entre os gigantes, pois a sua permanência deve estimular a redução da área plantada com soja nos Estados Unidos, podendo resultar no aumento da área de milho. Se as exportações de milho continuarem deprimidas, teremos um primeiro semestre de queda nas cotações e só as condições na segunda safra reverterão isso.

O câmbio também terá um papel fundamental, dado o peso dos insumos importados e o ganho com exportações. As incertezas de um novo governo normalmente resultam em períodos de volatilidade cambial que dificultam a tomada de decisões relativas ao comércio exterior, quase sempre as postergando.

Em qualquer previsão, ou exercício de futurologia, é preciso ter sempre a consciência de que são apenas possibilidades, e não certezas. Assim, temos sempre que esperar para ver o que acontece, e propalar a nossa presciência em caso de acerto.